

DISCUSSÕES SOBRE A LITERATURA PARAENSE OU AMAZÔNICA EM
PERIÓDICOS BELENENSES OITOCENTISTAS

Alan Victor Flor da Silva¹

Resumo: A partir de artigos de teor crítico divulgados na imprensa periódica belenense oitocentista a respeito da literatura produzida por escritores nascidos na Amazônia, objetivamos, com este trabalho, promover uma discussão acerca do que os autores desses artigos pensavam sobre a (in)existência de uma literatura paraense ou amazônica, levando em consideração, sobretudo, uma das proposições de Robert Darnton (2010): a de que os jornais não podem ser considerados como fontes para se descobrir o real, mas sim para saber como os acontecimentos eram interpretados pelas pessoas de uma determinada época.

Palavras-chave: literatura amazônica; imprensa periódica; Belém; século XIX.

Abstract: From critical articles published in the nineteenth century in Belém on periodical press about the literature produced by writers born in the Amazon, we aim, with this work, to promote a discussion about what the authors of these articles thought about the (in)existence of literature in the Pará or in the Amazon, based mainly in Robert Darnton's (2010) propositions: that newspapers cannot be considered as sources to discover the real, but rather to know how events were interpreted by the people of a certain time.

Keywords: literature in the Amazon; Periodic press; Belém; XIX century.



1. Considerações iniciais

São muitas as discussões que, atualmente, giram em torno da produção literária produzida na Amazônia.² Qual seria, por exemplo,

¹ Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Pará (PPGL/UFGA) e bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

² Os artigos jornalísticos com os quais estamos trabalhando neste artigo discorrem sobre uma produção literária que se situa dentro dos limites geográficos do estado do Pará ou da região amazônica – às vezes na mesma publicação. Gostaríamos de salientar, no entanto, que, neste artigo, faremos menção, quando a informação for da nossa responsabilidade, a uma produção literária produzida na Amazônia, pois concordamos com José Guilherme Fernandes (2004) quando o autor afirma que “a circunscrição estadual é mais de natureza geopolítica e administrativa do que de ordem da cultura” e “que a literatura é uma produção cultural, originada pela relação do homem com o meio e com a paisa-

a melhor forma de designá-la? Existe concretamente uma literatura que apresenta um caráter amazônico?

Sobre a primeira questão, José Guilherme Fernandes (2004), a saber, promove uma discussão sobre a nomenclatura ou a forma mais adequada de se referir ao conjunto de obras produzidas na região amazônica: “literatura brasileira de expressão amazônica”, “literatura amazônica” ou “literatura da Amazônia”.

A respeito da segunda pergunta, Márcio Souza (2014), por sua vez, defende que ainda não há uma literatura verdadeiramente amazônica, visto que a Amazônia, grosso modo, não apresenta uma tradição literária nem leitores para efetivar o consumo de obras produzidas por escritores nascidos na região.

Além dessas questões sobre as quais José Guilherme Fernandes e Márcio Souza se debruçaram, diversas outras poderiam muito bem ser suscitadas e problematizadas: independentemente de qualquer nomenclatura, o que seria uma literatura de caráter amazônico? O que seria um escritor da Amazônia? Haveria uma história da literatura amazônica que apresente características próprias e que, por sua vez, se distinga da de outra região? Partindo do princípio de que essa história exista, qual seria o seu marco inicial? Um romance não ambientado na Amazônia, mas escrito por um autor nascido na região poderia ser considerado um elemento representante da produção literária de feição amazônica?

Todas essas indagações acerca da literatura produzida na Amazônia começaram a ser debatidas muito antes nas páginas da imprensa periódica belenense oitocentista, precisamente a partir de 1880. Nesse período, já existia em Belém um considerável número de periódicos, a exemplo da *Província do Pará*, do *Diário de Belém*, do *Diário*

gem que ele produz” (FERNANDES, 2004, p. 114).

do *Gram-Pará*, do *Jornal do Pará*, do *Diário de Notícias* e do *Liberal do Pará*. Em todos esses jornais de circulação diária, assim como também em outros com a mesma periodicidade ou com periodicidades diferentes (bissemanal, semanal, quinzenal, bimensal, mensal etc.), eram divulgados diversos gêneros literários – poemas, crônicas, contos, novelas, romances e romances-folhetins³ – assinados por escritores estrangeiros das mais variadas nacionalidades – sobretudo por franceses, portugueses e espanhóis –, além de brasileiros dos mais distintos lugares do território nacional.

Em periódicos belenenses oitocentistas, foram publicadas, por exemplo, inúmeras narrativas de cunho ficcional de escritores estrangeiros.⁴ Entre os franceses, por exemplo, destacamos Louis Amedée Eugène Achard (1814-1875), Alexis Bouvier (1836-1892), Émile Richebourg (1833-1898), Georges Ohnet (1848-1918), Hector Malot (1830-1907), Guy de Maupassant (1850-1893), Xavier de Montépin (1823-1902), Ponson du Terrail (1829-1871) e Paul Féval (1816-1887). Entre os portugueses, mencionamos Pinheiro Chagas (1842-1895), Eça de Queiroz (1845-1900), Alexandre Herculano (1810-1877), Alberto Pimentel (1849-1925) e Maria Amália Vaz de Carvalho (1847-1921). Entre os espanhóis, citamos Manuel Fernández y González (1821-

³ Segundo Marlyse Meyer, “se todos os romances, em média, passam a ser publicados em folhetim, nem todos são romances-folhetins” (MEYER, 1996, p. 60). A autora, então, afirma que a publicação em série de um romance no rodapé da página de um jornal não é suficiente para chamá-lo de romance-folhetim. Para nomeá-lo dessa forma, é necessário averiguar antes outros elementos constituintes do gênero folhetinesco, como o corte no auge da expectativa, o melodrama e a construção do perfil das personagens principais (o herói, a mocinha e o vilão).

⁴ Sobre a circulação de prosa de ficção em regime seriado em periódicos belenenses oitocentistas, Germana Sales (2007) afirma que as traduções e os textos extraídos de jornais do Rio de Janeiro imperavam na imprensa periódica local. Para a autora, “numa região marcada pela distância em relação aos centros culturais mais desenvolvidos, observa-se que a publicação do romance-folhetim na província do Grão-Pará se desenvolveu literariamente com os recursos mais acessíveis à região, como a publicação de traduções ou textos extraídos de jornais publicados no Rio de Janeiro. Concretamente, esta reprodução de textos ficcionais era mais acessível, pois as pesquisas indicam que havia um número reduzido de autores locais dedicados à escrita de prosa de ficção” (SALES, 2007, p. 46).

1888), Ortega y Frias (1825- 1883), Álvaro Carrillo – pseudônimo de Rafael del Castillo (1830-1908) – e Manuel Juan Diana (1814-1881).

Entre os brasileiros de outras regiões do país, foram publicadas, por exemplo, narrativas ficcionais de Machado de Assis (1839-1908), Joaquim Norberto de Souza e Silva (1820-1891), Antônio Valentim da Costa Magalhães (1859-1903) e Joaquim José de França Júnior (1838-1890). Além desses brasileiros provenientes de outras regiões, encontramos na imprensa periódica belenense contos e romances assinados por autores que nasceram na Amazônia, assim como Paulino de Brito (1858-1919), Marques de Carvalho (1866-1910), Antônio de Carvalho (1867-1915), Juvenal Tavares (1850-1907), Teodorico Magno (1866-1885), Frederico Rhossard (1868-1900) e Múcio Javrot – pseudônimo de Joaquim Francisco de Mendonça Júnior (?).

Quase todos os escritores nascidos na região amazônica durante o Oitocentos exerceram a atividade jornalística. No Brasil, sabemos que a imprensa periódica foi responsável pela divulgação da produção literária de muitos escritores no século XIX. Até mesmo autores que alcançaram posteriormente um estatuto canônico chegaram a publicar poemas, crônicas, contos e romances primeiramente nas páginas de jornais e revistas para depois editá-los em livro, a exemplo de Joaquim Manoel de Macedo, Teixeira e Sousa, José de Alencar, Manuel Antônio de Almeida, Visconde de Taunay, Machado de Assis, Raul Pompéia e Aluísio de Azevedo (Cf. NADAF, 2009).

Seguindo a mesma tendência que se arrolava no restante do Brasil, muitos escritores da Amazônia no século XIX também deixaram uma parte significativa de sua produção literária lançada em periódicos. De acordo com Clóvis Meira, José Ildone e Acyr Castro, no segundo volume da *Introdução à literatura no Pará* (1990), o jornalista e escritor paraense Marques de Carvalho, por exemplo, não ape-

nas publicou o que produziu em livro, como também atuou como colaborador em diversos jornais belenenses oitocentistas, sobretudo na *Província do Pará*, no *Diário de Belém* e no *Diário do Gram-Pará*, nos quais divulgou vários trabalhos, tanto em verso quanto em prosa. Ainda segundo os antologistas, assim como Marques de Carvalho, Paulino de Brito, escritor e jornalista amazonense radicado em Belém, também chegou a publicar trabalhos em livros (romances, poemas e gramáticas), mas ainda deixou muito do que escreveu esparsos pelos jornais da época. Poeta e jornalista amapaense, Múcio Javrot, por sua vez, também “deixou nos jornais a maior parte do que produziu, muita coisa ainda inédita” (CASTRO; MEIRA; ILDONE, 1990, vol. 5, p. 256).

Conforme os organizadores da *Introdução à literatura no Pará*, alguns autores, contudo, nunca sequer chegaram a publicar trabalhos em livros. Seus escritos, tanto em prosa quanto em verso, foram divulgados apenas em páginas de jornais e revistas oitocentistas. Poeta e jornalista paraense, Antônio Marques de Carvalho (1867-1915), por exemplo, “não deixou livros publicados. Seus trabalhos encontram-se nas páginas dos jornais e revistas da época em que viveu. [...] esqueceu de colecionar o que produzia” (CASTRO; MEIRA; ILDONE, 1990, vol. 3, p. 69). Do mesmo modo, Frederico Rhossard (1868-1900), poeta e jornalista paraense, não reuniu seus versos em livros. Segundo Clóvis Meira, José Ildone e Acyr Castro, Rhossard é “hoje desconhecido das novas gerações paraenses, inclusive pela falta de um livro que desse corpo ao que produziu” (CASTRO; MEIRA; ILDONE, 1990, vol. 4, p. 272). O poeta militou na imprensa paraense da época como redator do *Diário do Gram-Pará*, do *Diário de Belém*, da *Arena* e do *Comércio do Pará*. Nesses jornais, publicou todos ou quase todos os poemas que escreveu.

Desse modo, podemos perceber que, durante o século XIX, a produção tanto em verso quanto em prosa produzida por escritores nascidos na Amazônia não pode ser desvinculada da imprensa periódica, pois diversos poemas, crônicas, contos e romances assinados por eles foram divulgados apenas em páginas de jornais e revistas. Em muitos casos, os periódicos eram o único meio do qual muitos desses escritores poderiam desfrutar para disponibilizarem os seus escritos aos leitores de Belém naquela época, visto que a maioria deles não possuía recursos financeiros suficientes para arcar com os gastos de impressão a fim de divulgá-los posteriormente em livros.⁵

Nas biografias da *Introdução à literatura no Pará*, por exemplo, é possível percebermos que nenhum escritor desse período conseguiu sobreviver da própria pena. Além da atividade de escrita literária, esses homens que se dedicaram às letras, muitas vezes, também eram jornalistas, professores, advogados, médicos, políticos e funcionários públicos. Esse fato nos leva a crer que, na região amazônica do Oitocentos, assim como ainda no restante de todo país nesse período, a produção tanto poética quanto ficcional não era um negócio muito lucrativo. O jornal, portanto, era o meio mais acessível para que os escritores da Amazônia do século XIX disponibilizassem ao público-leitor os seus escritos, pois esse suporte, em relação ao livro, apresenta um custo de produção mais baixo e, conseqüentemente, oferece também um preço mais atrativo aos olhos dos leitores.

Além de nos depararmos com uma produção literária nas páginas da imprensa periódica belenense oitocentista assinada por es-

⁵ Sobre os recursos financeiros para a publicação de livros assinados por escritores nascidos na Amazônia, José Eustáquio de Azevedo, autor da primeira história literária dedicada exclusivamente aos escritores nascidos e radicados no estado do Pará, afirma que “o defeito [...] é nosso... Vem da nenhuma divulgação de nossas letras; da nossa tradicional indolência provinciana; do nosso retraimento inato à expansão de nosso mérito próprio e, também, com verdade maior, da falta de recursos dos nossos intelectuais, ricos de espírito, porém pobres de pecúnia para a publicação e expansão de seus livros” (AZEVEDO, 1990, p. 11).

critores nascidos na região amazônica, é possível encontrarmos também artigos que se propõem a tecer comentários críticos acerca dessa produção, mesmo que sejam de caráter impressionista. Após a publicação de *Crepusculares*, por exemplo, uma coleção de poesias saída à luz no início do mês de setembro de 1884, Múcio Javrot recebeu uma crítica no *Diário de Belém* em 19 de setembro do mesmo ano – apenas alguns dias depois do lançamento – assinada por Jorge de Caudoual. Do mesmo modo, Paulino de Brito, quando já era um escritor famoso em Belém, em razão dos seus inúmeros trabalhos de cunho literário – poemas, crônicas, contos e romances – divulgados nas páginas de periódicos que circularam por Belém no final do século XIX, recebeu do seu amigo e conterrâneo Marques de Carvalho, na seção *Letras e Artes* do *Diário de Belém*, uma crítica – dividida em quatro fascículos publicados especificamente nos dias 24, 25, 26 e 27 de fevereiro de 1884 – que se debruçava sobre toda a sua produção literária, tanto em prosa quanto em verso.

Em meio a um número considerável de críticas divulgadas na imprensa periódica belenense oitocentista, verificamos que algumas delas foram escritas com a intenção de promover uma discussão acerca da (in)existência de uma literatura paraense ou amazônica, assim como (1) *As letras nesta terra*, de René Moustache, crítica publicada no dia 4 de maio de 1884, na coluna *Folhetim* do *Diário de Belém*; (2) *Da crítica literária*, de Marques de Carvalho, trabalho divulgado em três partes no periódico *A Arena* nos dias 9 e 19 de junho e 3 de julho de 1887, assim como também (3) o artigo do cronista PLAN, escrito em resposta ao de Marques de Carvalho, lançado na *A Província do Pará* nos dias 17 e 28 de junho de 1887.

A partir desses três artigos jornalísticos de crítica literária divulgados na imprensa periódica belenense oitocentista, objetivamos,

com este trabalho, tomando como base os apontamentos de Robert Darnton (2010) e Marcelo Bulhões (2007), compreender o que os autores desses textos pensavam acerca da literatura paraense no século XIX.⁶

2. As letras nesta terra

Durante o ano de 1884, foi divulgada na coluna *Folhetim* do *Diário de Belém*, sob a responsabilidade dos colunistas Paulo Puhan e René Moustache, uma série de crônicas agrupadas sob o seguinte título: “A comédia paraense: crítica de costumes”.⁷ Segundo Francisco Foot Hardman, essa série “teve sua publicação no *Diário do Gram-Pará* suspensa por suas ideias ‘incendiárias e socialistas-niilistas’ aparecendo mais tarde, em 1884, em folheto” (HARDMAN, 2002, p. 337).⁸

Em 4 de maio de 1884, a crônica do dia publicada no rodapé da página do jornal foi assinada exclusivamente por René Moustache e recebeu o seguinte título: “As letras nesta terra”. Nessa pequena crô-

⁶ Segundo Robert Darnton (2010), para realizarmos pesquisas em jornais, é preciso considerarmos que esse suporte não pode ser estudado como fonte primária para se descobrir o que realmente ocorreu em determinado momento histórico. Para o historiador cultural norte-americano, “jornais devem ser lidos em busca de informações a respeito de como os acontecimentos eram interpretados pelas pessoas da época, em vez de representarem fontes confiáveis dos acontecimentos em si” (DARNTON, 2010, p. 45). Marcelo Bulhões, por sua vez, afirma que o jornalismo no século XIX, sobretudo em sua segunda metade, era realizado pautado na crença do acesso ao real empírico. Bulhões, contudo, afiança que, no século seguinte, o modo de fazer jornalismo sofreu alterações, visto que o real, passado a visto como um problema altamente complexo, é “uma ‘matéria’ que se submete a um caleidoscópio de versões, sempre parciais e provisórias, um ‘objeto’ passível de inúmeras e contraditórias interpretações. Atingiu-se uma profunda desconfiança: a de que o real nunca é algo intacto ou puro, mas se dá a conhecer sempre como linguagem, na construção de discursos” (BULHÕES, 2007, p. 22).

⁷ É provável que Paulo Puhan e René Moustache sejam pseudônimos, visto que nada foi encontrado a respeito da vida desses colunistas nas páginas do *Diário de Belém*.

⁸ Sobre o comentário de Francisco Foot Hardman (2002), gostaríamos apenas de salientar que encontramos a série intitulada “A comédia paraense: crítica de costumes” publicada nas páginas do *Diário de Belém* e não nas páginas do *Diário do Gram-Pará*, como o autor afirmou no seu livro.

nica, o colunista afirmou que no Pará da penúltima década do século XIX havia, com efeito, um número diminuto de pessoas que, embora não estivessem publicando todos os dias os seus escritos, estavam cultivando as letras com assiduidade, dedicação e talento. Moustache, no entanto, lamenta que não haja, além desse pequeno grupo que se mostrava sempre preocupado em apresentar algumas produções de valor, nada mais que merecesse atenção no estreito campo das letras paraenses. Segundo o cronista, essa triste situação da literatura cultivada no Pará foi ocasionada pelos pseudoliteratos.

Para Moustache, esses pseudoliteratos eram (1) aqueles que se manifestaram ao público nas colunas *Variedades* ou *A pedidos* de qualquer jornal por meio de acrósticos enigmáticos ou de quadras “gotosas onde o sentimento e a expressão tom[aram] por caminhos diversos, igualmente desnorteados”; (2) aqueles que apenas escreveram para jornais especiais cujas edições apresentavam “os escritos pífios e os pedacinhos mais asnáticos”; (3) aqueles que somente aparecem em ocasiões especiais, a exemplo de festas solenes, onde recitavam estrofes “toscas, desabrigadas, sem ideias que prestem, com uma sintaxe por lapidar e uma versejação desregrada e intolerável”. Para Moustache, esses pseudoliteratos, em particular, receberam aplausos mais pela performance durante o recital do necessariamente que pela qualidade dos versos; (4) aqueles que costumavam recitar às atrizes dramáticas ou às prima-donas líricas “poesias cheias de paixão, de uma *nobre paixão pela arte*, tanto mais viva quanto mais graciosa é a paciente desse entusiasmo”. De acordo ainda com o cronista, essas poesias “não vêm de ordinário à luz da imprensa, mas passam num buquê para as mãos da atriz com esperança de uma página de álbum” (MOUSTACHE, *Diário de Belém*, 4 maio 1884, p. 2).

Considerando o que expusemos até então, é possível perce-

bermos que René Moustache não chegou a afirmar que não havia uma literatura produzida no Pará, mas é evidente que o cronista do *Diário de Belém* considerou a produção literária desenvolvida no estado não apenas embrionária, como também deficiente. Esse posicionamento do colunista reside na ideia de que a literatura se constituiu a partir de um conjunto de escritores empenhados em oferecer trabalhos de indiscutível qualidade aos leitores. Como acreditava que havia um número irrisório de homens de letras interessados em desempenhar decentemente o seu papel, René Moustache anunciou para os leitores do *Diário de Belém* que a literatura desenvolvida no Pará era ainda incipiente e exígua.

Após discorrer sobre a precariedade das letras paraenses, Moustache afirmou que a imprensa era “considerada também como um ramo da literatura” (MOUSTACHE, *Diário de Belém*, 4 maio 1884, p. 2), mas, ainda segundo o colunista, a imprensa no Pará, precisamente, quase nada apresentava de literária. Moustache, no entanto, defendeu que, ao contrário de periódicos como o *Correio do Norte*, *O Liberal do Pará* e *A Constituição*, o *Diário de Belém*, em especial, preocupava-se mais com a literatura. Vejamos:

Ponto de parte o *Diário de Belém* que, apesar de eu ser suspeito, sempre considero como o nosso melhor diário e cujo redator é tido justamente como um dos primeiros jornalistas do Norte, todos os outros órgãos de publicidade cuidam muito pouco em literatejar... (MOUSTACHE, *Diário de Belém*, 4 maio 1884, p. 2)

De fato, até a data da publicação da crônica de René Moustache, o *Diário de Belém* já havia veiculado diversos trabalhos literários (poemas, crônicas, peças de teatro, contos, romances etc.), artigos de crítica literária, anúncios de vendas de livros, além de notícias sobre os autores mais famosos da época, seja em nível internacional, nacio-

nal ou regional.

Apesar do destaque dado aos escritores das demais regiões do Brasil e também sobretudo aos de outros países, acreditamos que o diferencial do *Diário de Belém*, em relação aos outros periódicos, foi o relevo concedido aos autores nascidos na região amazônica e, consequentemente, aos trabalhos literários desenvolvidos na Amazônia. Para exemplificar, diversos poemas assinados por escritores paraenses foram divulgados nas páginas do *Diário de Belém*. Marques de Carvalho, por exemplo, lançou os seguintes títulos: a saber, “Não tardes!...” (15 de agosto de 1883), “Confissão” (2 de setembro de 1883), “Gemidos” (16 de dezembro de 1883), “Cláudia” (27 de janeiro de 1884), “Quero” (21 de fevereiro de 1884). Além de Marques de Carvalho, Múcio Javrot lançou vários poemas, como “Nenê” (6 de janeiro de 1882), “Sombras” (21 de janeiro de 1882), “Ahasverus” (1 de julho de 1882), “Meu nome” (30 de julho de 1882), “Mãe” (4 de agosto de 1882), “Idealismo” (13 de setembro de 1883), “Quimeras” (14 de fevereiro de 1884), “Aos anos dela” (9 de março de 1884) e Leonor (4 de maio de 1884). Outro escritor que também deixou muitos poemas publicados no *Diário de Belém* foi Paulino de Brito, autor dos seguintes títulos: “A morte de Evangelina” (16 de maio de 1880), “Romeiro do ideal” (19 de março de 1882), “A dúvida” (21 de dezembro de 1882), “Chaine brisée” (7 de março de 1884).

Além de poemas, o periódico também divulgou romances de autoria de escritores amazônicos em regime seriado no rodapé da página do jornal, assim como “O homem das serenatas” (1882), de Paulino de Brito; “Por causa de uma loucura” (1882), de Teodorico Magno, lançado sob o pseudônimo de Eustáquio de Veleda; “Através do desconhecido: o romance da terra” (1882-1883), de Múcio Javrot, e “Ângela” (1883-1884), de Marques de Carvalho.

É válido ressaltarmos ainda que, além dos diversos gêneros veiculados nas páginas do jornal (poemas, crônicas, contos, romances etc.), o *Diário de Belém* também divulgava anúncios sobre os livros que alguns escritores nascidos na Amazônia conseguiram publicar, a exemplo das *Rutilações*, coleção de poesias de autoria de Múcio Javrot, e das *Tentativas literárias*, obra que reuniu os romances “O homem das serenatas”, de Paulino de Brito, e “Por causa de uma loucura”, de Teodorico Magno.

Desse modo, é possível percebermos que o *Diário de Belém* foi, de fato, um periódico que abriu espaço para que muitos jovens escritores nascidos na região amazônica pudessem não apenas se aventurar pela escrita literária, como também ainda divulgar e promover os trabalhos oriundos das suas próprias penas. Outros periódicos, ainda que se preocupassem em oferecer aos seus leitores quase diariamente poemas e narrativas ficcionais, preferiram publicar trabalhos assinados por escritores estrangeiros. Para exemplificar, *A Província do Pará*, antes da publicação da crônica de René Moustache no *Diário de Belém*, ainda não tinha destinado um espaço de prestígio a escritores amazônicos. No entanto, é válido acrescentar que, a partir de 1885, escritores nascidos na região começaram a dividir as páginas do jornal com autores estrangeiros, como João Marques de Carvalho, Paulino de Almeida Brito, Luiz Demétrio Juvenal Tavares, Antônio Marques de Carvalho e João Pontes de Carvalho. O mesmo não se pode afirmar em relação a *O Liberal do Pará* e ao *Diário do Gram-Pará*, jornais que divulgaram predominantemente produções literárias pertencentes à literatura de outros países.⁹

⁹ A catalogação de todos os textos publicados no jornal *A Província do Pará* entre os anos de 1876 e 1900 foi realizada pela aluna de graduação na época Sara Vasconcelos Ferreira, durante a vigência do plano de trabalho de iniciação científica intitulado “**A leviana: história de um coração**” e **outras histórias na Província do Pará** (PIBIC/CNPq/2012), orientado pela Profa. Dra. Germana Maria Araújo Sales. A catalogação dos textos divulga-

Assim, é válido considerarmos que René Moustache apresentava motivos sólidos para afirmar que o *Diário de Belém*, em comparação a outros periódicos, oferecia oportunidade e espaço não apenas para a produção literária em geral, mas também – e sobretudo – para os homens de letras nascidos ou radicados no Pará se aventurarem pelos caminhos da literatura na imprensa periódica da capital paraense naquele período.

3. Um debate entre colunistas

Em 1887, iniciou-se um debate efervescente na imprensa belenense oitocentista sobre a literatura amazônica: de um lado, Marques de Carvalho – redator e proprietário da *Arena* – e, do outro, PLAN – pseudônimo de algum colunista da *Província do Pará* que assinava crônicas publicadas na coluna *Homens e Coisas*, na qual eram discutidos os mais variados assuntos.

Esse debate teve início em 12 de junho de 1887, quando Marques de Carvalho publicou na *Arena* um artigo que se intitulava “Da crítica literária”, no qual demonstrava completo desagrado pelos trabalhos de crítica literária divulgados na imprensa paraense que se propunham a julgar autores e obras. Nesse artigo, percebemos que não era intenção de Marques de Carvalho discorrer sobre a temática da literatura amazônica, mas sim sobre os trabalhos de crítica literária divulgados de vez em quando na imprensa periódica belenense oitocentista. Segundo o autor, essas críticas representavam um atraso intelectual, pois eram pretenciosas e desconchavadas, além de manifestarem “banalidades ridículas, pueris, sem uma ideia nova,

dos nos jornais *Diário do Gram-Pará* e *O Liberal do Pará*, por sua vez, foi realizada pela aluna de graduação Amanda Gabriela de Castro Resque, durante a vigência do plano de trabalho de iniciação científica intitulado **Prosa de ficção em periódicos oitocentistas** (PIBIC/CNPq/2014), também orientado pela Profa. Dra. Germana Maria Araújo Sales.

sem uma observação feliz, que trouxessem adiantamento e ensino” (CARVALHO, *A Arena*, 12 jun. 1887, p. 71).

A discussão a respeito da literatura amazônica teve início a partir da publicação de PLAN na coluna *Homens e Coisas da Província do Pará*, em 17 de junho de 1887. O colunista, estabelecendo um diálogo com Marques de Carvalho, afirmou que

Eu não acho razoável semelhante queixa. Sou de opinião que não há crítica literária no Pará.
E não há crítica pela simples razão de que não há literatura.
Não se pode dar o nome de literatura a traduções das poesias de Campoamor, a pequenos contos escritos sobre a perna, a ensaios literários, enfim.
Isto não constitui uma literatura, nem mesmo pode ser considerado como a sua alvorada.
Ainda estamos longe disso.
Sendo assim, como quer o colega que haja crítica literária? [...]
É por isso que a *pretensa literatura amazônica* faz-me rir.
(PLAN, *A Província do Pará*, 17 jun. 1887, p. 3)

Conforme PLAN, a crítica literária surge apenas depois de a literatura já existir e estar desenvolvida. Para exemplificar, o colunista *da Província do Pará* afirmou, em 1887, que na Europa já existia uma crítica moderníssima, cuja aparição somente foi possível a partir do momento em que havia um número considerável de produções de cunho literário. PLAN acreditava nessa proposição porque a crítica, ainda segundo o colunista, veio para aplicar o princípio da seleção à literatura, pois “é ela, com efeito, que com o escalpelo na mão faz a autopsia das produções literárias, mostrando aos olhos de todos as suas perfeições e imperfeições” (PLAN, *A Província do Pará*, 17 jun. 1887, p. 3).

Após a publicação do artigo de PLAN, Marques de Carvalho, em 19 de junho de 1887, divulgou na *Arena* a segunda parte do artigo

“Da crítica literária”, rebatendo os argumentos do cronista da *Província do Pará*. De acordo com Marques de Carvalho,

Nega o cronista a existência de uma literatura [...].
Mais isto é uma blasfêmia: isto é negar a alvura do leite,
é repetir as imposições evidentes da verdade!
Nós não temos literatura!... Pois o que são os livros de
Santa Helena Magno, do sr. Barão de Guajará, de Vilhena
Alves, de Paulino de Brito, de Teodorico Magno, de Júlio
César e de Bruno Seabra? (CARVALHO, *A Arena*, 19 jun.
1887, p. 76)

Para Marques de Carvalho, a existência de uma literatura amazônica era um fato consumado e inegável, visto que havia na Amazônia do final do século XIX escritores nascidos na região, como Santa Helena Magno, Vilhena Alves, Paulino de Brito, Teodorico Magno e Bruno Seabra. Desse modo, podemos afirmar que o redator do periódico literário e artístico *A Arena* estava tentando criar um conjunto de escritores que representassem e legitimassem a existência de uma literatura amazônica.¹⁰

Antes de finalizar o seu artigo crítico, Marques de Carvalho ainda reiterou que havia uma produção literária na Amazônia que pudesse ser chamada de literatura amazônica. Vejamos:

Acabemos por hoje. Recapitulando: – Nós temos literatura, porque temos bons escritores que produzem bons trabalhos literários, além das *traduções de Campoamor e dos pequenos contos escritos sobre a perna*. [...] As razões por que a nossa literatura não é tão grande como a da Europa são as mesmas que concorrem para provar o motivo porque Benevides não é do tamanho de Belém. (CARVALHO, *A Arena*, 19 jun. 1887, p. 76-77)

¹⁰ É válido frisarmos que Marques de Carvalho não esclareceu, em nenhum momento, a que literatura ele se referiu: paraense ou amazônica. Quando se debruçou sobre essa temática, sempre se utilizou de expressões que denotavam muito mais um sentimento de pertença a uma literatura do que necessariamente uma delimitação dos limites geográficos a ela impostos, como é possível observarmos, por exemplo, no seguinte período: “Nós temos literatura, porque temos bons escritores que produzem bons trabalhos literários” (CARVALHO, *A Arena*, 19 jun. 1887, p. 76).

Quando reiterou o fato de que existia uma literatura amazônica, Marques de Carvalho ressaltou que havia uma produção literária na Amazônia não apenas porque havia obras assinadas por autores amazônicos, mas também porque a região apresentava escritores capazes de produzir trabalhos de grande excelência – tanto em verso quanto em prosa. Nesse sentido, é possível observarmos que Marques de Carvalho preocupou-se em deixar claro que a valorização da literatura amazônica não estava relacionada a um sentimento de pertença à região onde nasceu, mas sim à qualidade literária que as obras assinadas pelos escritores conterrâneos geralmente apresentavam.

Diante da segunda parte do artigo de Marques de Carvalho publicado na *Arena*, PLAN dedicou ao colega de ofício outra crônica, que saiu à luz em 28 de junho de 1887 e na qual o colunista da *Província do Pará* continuou ainda sustentando a ideia de que não existia uma literatura amazônica. Observemos:

Exceto o nome do sr. Barão do Guajará, que não é um literato, mas sim um historiador, que cultiva um ramo de *ciências*, não nego que os outros tenham escrito peças literárias.

Mas que todas as suas produções somadas formem uma literatura, é o que eu nego.

Não contesto o mérito de cada um deles em particular. Podem eles ter escrito muitas boas coisas, mas que tenham 5 homens, quase todos muito moços, produzindo uma literatura, *c'est trop fort!!!* (PLAN, *A Província do Pará*, 28 jun. 1887, p. 3)

A partir desse excerto, podemos observar que PLAN adotou a ideia de conjunto para afirmar que não existia uma literatura amazônica. Segundo o cronista da *Província do Pará*, uma literatura não se constrói a partir de autores individuais, mas sim a partir de um grupo de escritores conscientemente envolvidos no processo de escrita lite-

rária e, ao mesmo tempo, unidos pelo mesmo desejo de produzir uma literatura com unidade e características próprias. Desse modo, PLAN insinuou que na Amazônia do século XIX havia um número irrisório de autores para formar uma literatura de feição amazônica – por mais que os poucos nomes selecionados por Marques de Carvalho na segunda parte do artigo da *Arena* fossem, com efeito, merecedores de reconhecimento, como Santa Helena Magno, Vilhena Alves, Paulino de Brito, Teodorico Magno e Bruno Seabra.

Para finalizar a crônica na *Província do Pará*, PLAN comentou as últimas palavras da segunda parte do artigo de Marques de Carvalho: “as razões por que a nossa literatura não é tão grande como a da Europa são as mesmas que concorrem para provar o motivo porque Benevides não é do tamanho de Belém” (CARVALHO, *A Arena*, 19 jun.1887, p. 77). Conforme PLAN,

Em resposta direi que nós dizemos – *cidade* de Belém e *povoação* de Benevides. É justo que digamos – *literatura europeia e... paraense*.¹¹

Ponho os *pontinhos* porque não sei que nome dar.

Assim como na geografia há a classificação dos lugares populosos de conformidade com o número de seus habitantes, em *idades*, *vilas* e *aldeias* ou *povações*, assim também sucede com as produções literárias.

Entretanto não é para estranhar o que eu combato: os políticos já quiseram mimosear Ponta de Pedras com o mesmo nome que se costuma dar a Paris; não é para admirar, portanto, que queiram fazer das produções literárias do Pará uma literatura. (PLAN, *A Província do Pará*, 28 jun. 1887, p. 3)

A partir do excerto acima, é evidente que PLAN acha forçoso que alguém queira chamar os trabalhos literários elaborados no Pará de literatura. É evidente também que o colunista da *Província do Pará*, embora não tenha especificado nomes, estava se referindo ao co-

¹¹ Nas crônicas assinadas por PLAN, esta é a única vez em que o colunista, em vez de se referir a uma literatura amazônica, remete-se a uma literatura paraense.

lega Marques de Carvalho. No entanto, mais evidente ainda foi a estratégia de PLAN para ridicularizar o argumento do adversário nesse debate literário. Segundo o cronista da coluna *Homens e Coisas*, assim como seria uma bobagem atribuir o nome de Paris a Ponta de Pedras, o mesmo não seria diferente quando se pretende chamar de literatura as publicações literárias divulgadas no estado do Pará.

Em 3 de julho de 1887, o debate foi encerrado com a publicação de uma carta que Marques de Carvalho dirigiu ao cronista PLAN afirmando que a discussão principiada entre os dois não valia a pena de uma inimizade. Alguns dias depois, precisamente em 7 de julho de 1887, o colunista da *Província do Pará* afirmou que se arrependeu “de ter na melhor boa-fé escrito coisas que sem má intenção de [sua] parte feriram um cavalheiro, cuja amizade desej[ava] cultivar” (PLAN, *A Província do Pará*, 7 jul. 1887, p. 3). Depois da longa discussão sobre a (in)existência de uma literatura amazônica, Marques de Carvalho e PLAN continuaram com o mesmo posicionamento: um a favor e outro contra.

Considerando o “princípio da coletividade”¹², é possível percebermos, entretanto, que os posicionamentos contrários entre Marques de Carvalho e PLAN a respeito da literatura amazônica partiram do lugar do qual desfrutavam na sociedade. Marques de Carvalho, por exemplo, em 1887, já era um escritor bastante conhecido em Belém, em razão dos diversos trabalhos literários pelos quais se aventurou na imprensa periódica de Belém no Oitocentos (poesia, conto e romance); nesse mesmo ano, já havia se atrelado ao movimento es-

¹² Segundo Marie-Ève Thérénty (2010), o princípio da coletividade baseia-se no fato de que o jornal constitui um negócio coletivo onde se experimenta a criação do sentido pela fusão de vozes plurais e às vezes dissonantes. Bem mais que o romance, ele projeta um lugar autêntico da polifonia e constitui o ponto de ancoragem de uma forma de sociabilidade devido a seu modo de operação e redação. Do mesmo modo, Socorro Pacífico Barbosa (2007) afirma que o jornal pode ser visto como um espaço de diálogo e de multiplicidade discursiva, onde ecoam, ainda que de maneira incipiente, as vozes dos mais variados segmentos da sociedade.

tético-literário naturalista, acreditando que este mudaria os rumos da literatura da época; ainda em 1887, criou o periódico literário e artístico *A Arena*, ao lado de outros escritores, a exemplo de Paulino de Brito e Heliodoro de Brito, com o intuito de divulgar as produções tanto em verso quanto em prosa de autores nascidos na Amazônia; além disso, na *Arena*, em 12 de junho de 1887, publicou o artigo intitulado “Da crítica literária” com a intenção de denunciar a situação precária dos trabalhos de teor crítico divulgados na imprensa periódica de Belém daquela época, visto que o escritor paraense tinha consciência das consequências que poderiam ser acarretadas por causa de uma crítica literária nem um pouco habilitada: “eis completa a CRÍTICA LITERÁRIA de qualquer obra, que deu longo trabalho a seu autor, para ser nesciamente espezinhada num instante por uma crítica insciente!...” (CARVALHO, *A Arena*, 12 jun. 1887, p. 71). Assim, não haveria como Marques de Carvalho, um escritor não apenas consciente de seu papel social, como também associado a um pequeno grupo de colegas de ofício, desqualificar as produções literárias divulgadas na região, afirmando que na Amazônia não havia literatura. A posição de Marques de Carvalho, portanto, não era individual, mas sim coletiva, pois representava uma classe de autores empenhados em construir, difundir e promover uma produção literária dentro dos limites geográficos da região amazônica.

PLAN, por sua vez, era um colunista da *Província do Pará* que possuía uma coluna fixa e precisava entreter os leitores com os mais diversos assuntos. Desse modo, o cronista encontrou no artigo de Marques de Carvalho uma possibilidade de obter um assunto sobre o qual pudesse escrever. O próprio colunista atribuiu a si mesmo o mau desejo de encher algumas tiras de papel às custas da publicação do redator da *Arena* pela simples vontade de satisfazer uma tarefa. É

válido ressaltarmos ainda que PLAN não se julgava um autor de crítica literária, mas sim um cronista: “apesar de não considerar a minha crônica como um artigo de crítica” (PLAN, *A Província do Pará*, 28 jun. 1887, p. 3). Na segunda crônica, PLAN se apresentou como um adversário sem pretensões e afirmou que todos os leitores estavam perfeitamente certos de que ele não estava em condições de lutar com Marques de Carvalho, visto que o colunista de *A Província do Pará* não se considerava um literato amazônico: “até hoje não meti as mãos na seara literária. Tenho sido mero expectante, e juiz de mim mesmo, tenho-me considerado indigno de pertencer à plêiade brilhante dos literatos amazônicos” (PLAN, *A Província do Pará*, 28 jun. 1887, p. 3).

Além disso, PLAN demonstrou-se um conhecedor da literatura desenvolvida na Europa – sobretudo na França. Assim, é fácil compreendermos por que o cronista não acreditava na existência de uma literatura amazônica. A literatura produzida no continente europeu, em 1887, não apenas já apresentava uma longa e fecunda trajetória, como também uma popularidade e um reconhecimento que atravessou o Oceano Atlântico. Nessa mesma época, a produção literária na Amazônia, por sua vez, além de não gozar de tradição, estava localizada numa região distante do único grande centro político, econômico, cultural e literário do Brasil – o Rio de Janeiro. Não é à toa, portanto, que Inglês de Sousa e José Veríssimo foram os únicos escritores nascidos na Amazônia do século XIX que alcançaram alguma notoriedade no cenário nacional das letras – um se destacando no campo da ficção e outro no da crítica literária. Os dois foram os únicos que conseguiram sair do lugar onde nasceram para fixar residência no Rio de Janeiro.¹³ Desse modo, não havia como PLAN acreditar na existên-

¹³ Sobre o deslocamento de escritores no território brasileiro do século XIX, Lúcia Miguel Pereira (1988) afirma que o Rio de Janeiro sempre foi mais um centro receptor do que criador, pois a maioria dos escritores que se destacou nacionalmente na atividade literá-

cia de uma literatura amazônica, levando em consideração todo o conhecimento que ele possuía acerca da produção literária elaborada na Europa. Usá-la como parâmetro para medir a outra só poderia mesmo conduzi-lo a pensar na inexistência de uma literatura amazônica.

4. Considerações finais

Neste trabalho, procuramos demonstrar que a discussão em torno de uma literatura amazônica ou paraense teve início nas páginas da imprensa periódica a partir da década de 1880. Nesse período, alguns jornalistas já demonstravam uma preocupação em relação aos rumos que a produção literária na Amazônia estava trilhando.

Em comparação aos diversos trabalhos relativos às letras produzidos na Europa, assim como também à produção literária desenvolvida no Rio de Janeiro, capital do país na época, a literatura produzida na Amazônia durante as duas últimas décadas do Oitocentos só poderia ser considerada mesmo ainda muito embrionária, mas ela também estava se desenvolvendo paulatinamente e conquistando aos poucos o seu espaço, sobretudo nas páginas da imprensa periódica, lugar onde muitos homens de letras do final do século XIX iniciaram os primeiros passos na atividade da escrita literária.

Diante de uma literatura ainda em desenvolvimento, as discussões em torno dessa temática só poderiam ser as mais diversas possíveis. Observamos na imprensa periódica belenense oitocentista, por exemplo, que os jornalistas que procuram se debruçar sobre o assun-

ria não nasceu na Corte, mas sim em outras províncias do nosso país. No entanto, o Rio de Janeiro, enquanto único grande centro político, econômico, cultural e literário do Brasil no Oitocentos, atraía de outras localidades homens interessados em ganhar a vida à custa da própria pena, visto que a capital do nosso país nesse período era, via de regra, a responsável pela consagração e difusão de autores e obras por todo o país.

<https://periodicos.unifap.br/index.php/letras>

Macapá, v. 8, n. 1, 1^o sem., 2018

to apresentaram perspectivas diferentes. René Moustache, em 1884, afirmou que poucos escritores desenvolveram com dedicação e talento as letras no Pará, fato que nos conduz a pensar que o cronista acreditava na existência de uma literatura desenvolvida no estado, mas ela ainda se encontrava deficitária. Em 1887, Marques de Carvalho, por sua vez, afirmou categoricamente que havia uma literatura na Amazônia de grande valor produzida por escritores competentes. Em contrapartida, PLAN, ao contrário do proprietário da *Arena*, nega a existência de uma literatura amazônica.

Os posicionamentos desses homens que atuaram em jornais em Belém devem-se ao lugar que ocupam na sociedade. Marques de Carvalho, por exemplo, como escritor e representante de um grupo de escritores na Amazônia, não poderia negar a existência de uma literatura na região. De modo contrário, estaria traindo a si mesmo e o grupo ao qual pertenceu. Moustache e PLAN, ao contrário, eram cronistas que viram a produção das letras nessa parte do país a partir de uma perspectiva externa, visto que não chegaram a se aventurar pelos caminhos da atividade literária e, por essa razão, Moustache mostrou-se pouco entusiasmado com a literatura produzida na Amazônia e PLAN, por sua vez, não se prostrou ao negá-la veementemente.

5. Referências

AZEVEDO, José, Eustáquio de. **Literatura paraense**. 3. ed. Belém: Fundação Cultural do Pará Tancredo Neves; Secretaria de Estado da Cultura, 1990.

BARBOSA, Socorro de Fátima Pacífico. **Jornal e literatura: a imprensa periódica no século XIX**. Porto Alegre: Nova Prova, 2007.

BULHÕES, Marcelo. **Jornalismo e literatura em convergência**. São Paulo: Ática, 2007.

DARNTON, Robert. **A questão dos livros**: passado, presente e futuro. Trad. Daniel Pellizzari. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FERNANDES, Literatura Brasileira de Expressão Amazônica, Literatura da Amazônica ou Literatura Amazônica? **Graphos** – Revista da Pós Graduação em Letras/UFPB, João Pessoa (PB), v. 1, n.1, p. 111-116, 2004.

HARDMAN, Francisco Foot. **Nem pátria, nem patrão!** Memória operária, cultura e literatura no Brasil. 3. ed. São Paulo, UNESP, 2002.

MEIRA, Clóvis; ILDONE, José; CASTRO, Acyr (Organizadores). **Introdução à literatura no Pará**: antologia. Belém: CEJUP, 1990-1997. 8. vols.

MEYER, Marlyse. **Folhetim**: uma história. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

NADAF, Yasmin Jamil. O romance-folhetim francês no Brasil: um percurso histórico. **Letras** (UFSM), v. 39, p. 119-138, 2009.

PEREIRA, Lúcia Miguel. **História da literatura brasileira**: Prosa de ficção (de 1870 a 1920). São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1988.

SALES, Germana Maria Araújo. Folhetins: uma prática de leitura no século XIX. **Entrelaces** (UFC), v. 1, p. 44-56, 2007.

SOUZA, Márcio. Literatura na Amazônia, ou literatura amazônica? **Sentidos da Cultura** (UEPA), v. 1, p. 25-30, 2014.

THÉRENTY, Marie-Ève. **La littérature au quotidien**: poétiques journalistiques au XIXe siècle. Paris: Éditions du Seuil, 2007.

Enviado em 31/07/2017

Aceito em 24/01/2018